

INDÍGENA LANÇA LIVRO SOBRE O POVO MARAGUÁ

Autor é professor da rede pública e conta com um acervo de vinte e uma obras

Ozias Glória de Oliveira ou Yaguarê Yamã Apurinãguá tem 40 anos de idade. Índio da tribo Maraguá, etnia que vive às margens do Rio Abacaxi, na região do Rio Madeira, Yaguarê estudou em São Paulo, se formou geógrafo e nos dias atuais é escritor premiado nacionalmente e internacionalmente. Professor da rede pública de ensino, o indígena luta para que a cultura de seu povo permaneça viva. Seu mais recente lançamento, o vigésimo primeiro livro de sua autoria, resgata a história de seu povo, entre costumes, ritos e histórias.

Com tanta coisa para contar, Yamã lançou o livro “Maraguápêyára” no último dia 29 de maio e gentilmente concedeu entrevista à turma do segundo período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), relatando um pouco de sua vida pessoal - dentro e fora da aldeia -, a experiência de morar em uma das maiores cidades do mundo e como lida com o bombardeamento de cultura externa ao seu povo.

Bruna Karla Soares*
Denner Albuquerque Ribeiro*
Mirna Nayra Monteverde de Carvalho*
Universidade Federal do Amazonas – Ufam*

Acadêmicos: Como era sua vida na terra em que você nasceu (Aldeia Maraguá localizada entre os municípios de Maués e Nova Olinda do Norte)?

Ozias Yaguarê: Nasci nessa região e me criei até oito anos de idade, vivendo na aldeia. Depois aconteceu um problema, meu irmão morreu, meu pai ficou muito triste e quis sair de lá. Ele fazia parte de uma aldeia Sateré Mawé aqui de Parintins e só a minha mãe que era dessa aldeia. Ai ele decidiu vir para o lado dos parentes, pois não suportava o sofrimento. Então viemos para Parintins e foi aqui que eu vi o que era uma cidade. Me considero parintinense, pois passei em torno de dez anos morando aqui.

*Acadêmicos do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas – Parintins.

A: E como foi a sua chegada em Parintins?

OY: Nossa! Eu mal falava o português. Já era grande, tinha oito anos, mas não tinha noção dessa língua. Foi complicado!

A: E qual era o dialeto que você usava?

OY: Na verdade, hoje eu falo quatro dialetos: Maraguá, Tupi, Nheengatu, Sateré; além do idioma oficial, o português.

A: Como você vê o mundo urbano na atualidade?

OY: É complicado. Infelizmente há muita violência que acaba com tudo. É a desgraça de toda uma sociedade e falo isso como geógrafo. Deveria haver uma política com relação à urbanização e não há. O que o político pensa? Só abrir ruas, bairros e jogar o povo ali e pronto. Cadê uma praça? Cadê um parque? Cadê o bem-estar dessa população? Não existe!

Foto: arquivo Ufam



Oziás Yguarê, no lançamento do livro Maraguápêyára

A: Como surgiu a ideia de escrever o seu primeiro livro?

OY: Eu tenho 21 livros publicados. Quando eu morava aqui em Parintins, eu não tinha ideia do que fazer da vida. Fui para Manaus e lá no Teatro Chaminé passei a lavar banheiros por uma questão de sobrevivência, porque eu não tinha estudo. Foi lá que ganhei uma bolsa para estudar em São Paulo, primeiro na Universidade Santo Amaro (UNISA), depois na Universidade de São Paulo (USP), e a partir de então comecei a realizar palestras, e como indígena, acabei me sentindo sozinho. Fui procurar os índios que lá viviam, morei com os Guarany's durante um ano e depois comecei a trabalhar com outros colegas indígenas que também saíram daqui do norte para estudar lá. Achei que dava para catalogar minhas histórias e meus conhecimentos, e daí surgiu a inspiração para os meus livros e publiquei em 1999 meu primeiro livro, “Purãtig, o Remo Sagrado”, pela editora Petrópolis. Esse foi meu primeiro

filho!

A: Como foi construída essa sua nova obra, Maraguápêyará?

OY: Foram cinco anos de intenso trabalho. Nada que tá nesse livro foi inventado. Foi tudo elaborado e trabalhado com as pessoas mais velhas, coletando dados, pesquisando, querendo saber de toda a verdade. Na nossa aldeia, só existem 350 indígenas e boa parte já são idosos, e assim a língua indígena Maraguá está morrendo aos poucos, já que os mais jovens não sabem falar o nosso dialeto. A sociedade indígena está sendo bombardeada pela cultura da cidade e a gente precisa salvar nosso povo disso. E esse livro é uma salvação do nosso povo e da nossa cultura. A cultura é nossa alma, independente de sociedade.

A: O senhor sempre retorna à sua aldeia?

OY: Sim, sempre. Sou professor de geografia aqui em Parintins, faço palestras para os meus alunos, ensino língua indígena dentro da sala de aula e sempre que posso vou à aldeia. Quando voltei de São Paulo, fui morar na aldeia. Sou Vice-Tuxaua geral, tenho uma liderança dentro da sociedade. Não tenho como me desligar, isso é impossível.

A: Qual sua expectativa em relação ao seu livro?

OY: A melhor possível! Acredito que o público compreenderá a necessidade de ver o povo indígena em um olhar de dentro para fora. Espero que as pessoas sintam tanto prazer ao ler quanto eu tive ao escrevê-lo.

Depois da entrevista com Yaguarê Yamã, agora acompanhe a entrevista feita com um dos co-autores do livro, Elias Yaguakã, também pertencente ao povo Maraguá, da aldeia Yabetué'y em Nova Olinda do Norte. Elias Yaguakã é escritor amazonense e professor do ensino fundamental na aldeia onde mora.

Acadêmico: Em que foi baseado livro?

Elias Yaguakã: Foi baseado na etnia Maraguá que é a fonte principal.

A: Quando surgiu a proposta do livro?

E.Y: Em 2005, foi uma busca constante.

A: Como foi realizada a pesquisa para escrever o livro?

E.Y: Para organizar fizemos algumas buscas na região amazônica para encontrar as fontes verdadeiras, fontes reais, histórias sagradas, a religião, mito, as fábulas.

A: Houve alguma dificuldade para compor o livro?

E.Y: Sim, foi um trabalho muito difícil porque nós autores e co-autores morávamos em regiões diferentes. Eu morava na aldeia, o Yaguarê, em Parintins, Roni Wassari morava em Boa Vista dos Ramos e Guaynê em Manaus. Foi difícil se reunir para isso.

A: E quanto a relatar de forma escrita histórias orais, foi difícil?

E.Y: É muito difícil isso, você transformar uma história oral em literatura. Você tem uma história e conta muito bem, mas quando se passa a escrever é uma dificuldade enorme. A literatura amazônica, a indígena foi sempre oral depois que se passou a colocá-la como literária, através da escrita. Mas foi uma luta muito boa por que você aflora seus conhecimentos.

A: Qual a reação de vocês quando viram o livro pronto?

E.Y: Em 2010, a gente conseguiu deixar o livro pronto, fizemos uma festa para comemorar. Agora vamos procurar um padrinho para publicar, fizemos questão que fosse publicado no Amazonas.

A: Por que esse desejo de fazer a publicação desse livro no Amazonas?

E.Y: Nós somos do Amazonas e o estado do Amazonas precisava saber sobre essas verdades, essas histórias, esses mitos, essa religião tradicional, essa linguagem, essa cultura rica, essa riqueza sagrada. Então, a gente procurou uma editora no Amazonas.

A: Como surgiu a sua parceria com o Yaguarê Yamã?

E.Y: A gente era curumim, ele era três anos mais velho do que eu, a gente jantava na mesma turma. Na aldeia nós temos uma turma, se vamos pescar ou caçar. Ele me tratava como irmão, nunca me deixou na mão, me levava em todas as caçadas, pescarias. Nós temos em livros essas histórias.

A: O que essa obra representa?

E.Y: É uma das maiores obras que a gente já publicou juntos, foi um trabalho que provamos de companheirismo, lealdade, a parceria e também a fidelidade a etnia, o respeito pelos mais velhos. Isso foi muito importante para nós.

A: Quais suas expectativas com esse lançamento?

E.Y: Bom, a expectativa que temos é de divulgação, é importante que cada pessoa conheça. É

interessante vê vocês aqui com o intuito em obter, buscar esse conhecimento. É um orgulho enorme.